

XVIII

A EUROPA MODERNA EM FACE DO EVANGELHO

E' inegavel a importancia da tarefa dos europeus, impulsando o progresso dos outros continentes do planeta. Foi a sua grandiosa civilização, cujos primordios o Cristianismo alimentou com a rica substancialidade dos seus ideais, que renovou as atividades científicas e industriais dos povos do Oriente, inaugurando, ainda, nas terras americanas, uma vida nova, não obstante as atrocidades execraveis praticadas pelos conquistadores, para submeterem o elemento indigena.

Com exceção das doutrinas filosóficas, que a civilização ocidental não poderia oferecer, com uma substância superior, aos povos orientais, de vez que a obra cristã se encontrou sempre deturpada desde a sua união com as fôrças políticas do Estado, foram os europeus que instituiram, com a sua imaginação criadora, um surto novo de progresso para as fontes da cultura humana. Os seus esforços são inapreciaveis; suas atividades, grandiosas, nesse movimento de inventar as comodidades da civilização e as utilidades dos povos. Todavia, espiritualmente, os povos europeus cometiveram o erro terrivel de perturbar a evolução do Cristianismo, assimilando-o ás obsoletas concepções da mitologia grega e ás velhas tradições

de imperialismo dos patricios de Roma, de cujo confusionalismo nasceu a doutrina católico-romana, em perfeita oposição ao ideal da simplicidade cristã.

Dores inevitáveis

E' ociosa qualquer referencia á falsa posição dessa igreja, que se mantém no mundo atual ao preço da ignorância de uns e do interesse condenável de outros, vivendo a existência transitória das organizações políticas.

Compete aos estudiosos sómente a análise comparativa dos tempos, tentando, com os seus esforços, operar a regeneração das sociedades, procurando salvar da destruição tudo o que possa beneficiar os espíritos no seu aprendizado sobre a face da Terra. Todavia, a-pesar-de nossas atividades conjugadas com a de todos os homens de boa vontade que aí representam os instrumentos sadios da vontade do Alto, no sentido de preservar do arrasamento o patrimônio de conquistas úteis da humanidade, não é possível criar-se um obstáculo ás grandes dores que, inevitavelmente, terão de promover o movimento expiatorio dos indivíduos e das coletividades, onde as criaturas mergulharão a alma no batismo de purificação pelo sofrimento.

Ausencia de unidade espiritual

Aventam-se todas as hipóteses com o objetivo de verificar-se na Europa, eixo das actividades políticas do mundo, um grande movimento de unificação e de paz, chegando-se á tentativa de uma frente única europeia, para evitar a queda irremediável da civilização do Ocidente. Essa frente única é, porém, impossível. Não existe ali a unidade espiritual necessária á consecução

desse grandioso projeto. Apenas o Cristianismo, se não fossem os desvios lamentaveis da igreja romana, poderia fornecer essa intangibilidade de fé a todos os espíritos. Mas, a obra cristã ali se encontra virtualmente degenerada. E, em virtude de semelhantes desequilibrios, todos os ideais anti-fraternos foram desenvolvidos no Velho Mundo, intensificando-se o regime de separatividade entre as nações. Cada país europeu procura isolarse da comunidade continental e sómente o pacto de Versalhes e o instituto genebrino representam, com a sua atuação, essa trégua de 18 anos, depois do conflito de 1914; contudo, esses dois diquedes, que impediam os movimentos armados, sem, aliás, obstar-lhes a preparação, têm as suas influencias anuladas. O Tratado de Versalhes caiu com as deliberações políticas do novo Reich e a Liga das Nações compreendeu a inaplicabilidade do seu estatuto, no momento decisivo da campanha italiana na Abissinia.

A paz armada

Todos os povos entenderam bem essas profundas desilusões. Procura-se a paz na corrida aos armamentos. Mais de 100.000 homens mecanizados estão preparados no velho continente, só para a ofensiva do ar. Busca-se a todo transe uma solução para os problemas da guerra. Uma reforma visceral nos estatutos da sociedade de Genebra é inutilmente sugerida. Estuda-se a possibilidade de um acôrdo entre a França e a Italia, no sentido de assegurar-se a paz continental, atendendo-se ás necessidades da região danubiana e equilibrando a Allemanha com o resto da Europa. Tenta-se a colaboração de todos os gabinetes. Os partidos iniciam a guerra das ideologias. Mas a Europa, nos seus conflitos inquietantes, conhece perfeitamente a sua condenação á guerra.

Sociedades edificadas na pilhagem

A ilação dolorosa que se pode extrair da situação atual é a de que essas sociedades foram edificadas á revelia do Evangelho, necessitando as suas bases mais profundas transformações. Fundadas com o rótulo de Cristianismo, elas não o conheceram. A sombra do Deus antropomórfico que criaram para as suas comodidades, inverteram todas as lições do Salvador, em cujo ideal de fraternidade e pureza asseveravam progredir e viver. Distanciadas, porém, como se encontram, de uma identidade perfeita com os estatutos evangélicos, as sociedades européias sucumbem sob o peso da sua opulência miserável. Suas fontes de cultura acham-se visceralmente envenenadas com as suas descobertas e ciências, que são recursos macabros para a destruição e para a morte. Não existe, ali, nenhuma unidade espiritual, á base do espírito religioso, mantenedor do progresso coletivo.

Como poderá persistir de pé uma civilização dessa natureza, se todos os seus trabalhos objetivam o exterminio dos mais fracos, estabelecendo o condenavel critério da fôrça? O Ocidente terá de conhecer uma vida nova. Um sôpro admirável de verdades ha de confundir os seus erros seculares. As sociedades edificadas na pilhagem hão de se purificar, inaugurando o seu novo regime á base da lição fraterna de Jesus.

Esperemos, confiantes, a alvorada luminosa que se aproxima, porque depois das grandes sombras e das grandes dôres que envolverão a face da Terra, o Evangelho ha de criar, no mundo inteiro, a verdadeira Cristandade.